



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**UMA ANÁLISE DO OLHAR DO GESTOR ESCOLAR
SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

PRACIDINA CHAVES MOURA

**SANTA MARIA, RS, Brasil
2010**

UMA ANÁLISE DO OLHAR DO GESTOR ESCOLAR SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

por

PRACIDINA CHAVES MOURA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Prof^a Marta de Azeredo Barichello

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**UMA ANÁLISE DO OLHAR DO GESTOR ESCOLAR SOBRE
A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

PRACIDINA CHAVES MOURA

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a Marta de Azeredo Barichello
(Presidente/Orientadora)

Prof^o Claudemir de Quadros, doutor (UFSM)

Prof^o Elena Maria Mallmann, doutora (UFSM)

Santa Maria, 2010

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

UMA ANÁLISE DO OLHAR DO GESTOR ESCOLAR SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

AUTORA: PRACIDINA CHAVES MOURA
ORIENTADORA: MARTA DE AZEREDO BARICHELLO
Palmas/TO, 10 de dezembro de 2010

Este estudo trata da relação professor-aluno e da influência que esta recebe da gestão escolar. Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa englobando entrevistas e observação de campo, com alunos e professores das escolas estaduais de Porto Nacional - Tocantins, no segundo semestre de 2010. Como resultado, verificou-se que a gestão escolar interfere na relação professor-aluno, em três níveis, concomitantemente: através das tomadas de decisão do gestor no processo pedagógico em geral; especificamente, em seu relacionamento com o professor e com o aluno e na orientação deste nas suas dificuldades e vicissitudes. Conclui-se que há necessidade de coerência entre teoria e prática na organização do trabalho pedagógico do professor e maior integração entre gestor e professor para melhor compatibilizar interesses e objetivos educacionais.

Palavras-chave: Ensino. Educação. Gestão escolar.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

AN ANALYSIS OF THE LOOK ON THE RELATIONSHIP MANAGER SCHOOL STUDENT TEACHER

AUTHOR: PRACIDINA CHAVES MOURA
ADVISER: MARTA DE AZEREDO BARICHELLO
Palmas/TO, 10 de december de 2010

This study deals with the teacher-student relationship and influence on it of school management. We conducted a qualitative study comprising interviews and field observations, students and teachers in state schools of Porto Nacional - Tocantins, in the second half of 2010. As a result, it was found that the school administration interferes with the teacher-student relationship on three levels simultaneously: the decision-making by the manager in the educational process in general, specifically in its relationship with the teacher and the student and this guidance in its difficulties and vicissitudes. We conclude that there is need for consistency between theory and practice in the organization of the pedagogical work of teachers and greater integration between managers and teachers to better reconcile the interests and educational goals.

Keywords: Teaching. Education. School management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Educador	10
2.2 Formas de Ensino.....	12
2.3 Relação professor-aluno.....	18
3 GESTÃO ESCOLAR	29
4 METODOLOGIA	31
4.1 Tipo de pesquisa.....	31
4.2 Local da pesquisa.....	31
4.3 Instrumento e técnica de coleta de dados.....	31
4.4 Procedimentos e Análise de dados.....	32
5 DISCUSSÃO	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho estuda a forma que a gestão escolar influencia a relação professor e alunos. Partindo da necessidade de conhecer e entender o comportamento do educador, os seus anseios, sua postura e o seu desempenho na sua prática educativa e ainda, saber como é a interação e o envolvimento com o seu alunado diante de situações diversas do cotidiano.

Sabe-se que muitos dos profissionais da educação estão insatisfeitos, descontentes, ansiosos por não compreenderem as novas necessidades sociais e não conseguem lidar com as mudanças propostas pela educação e acabam não se adequando e adaptando no que de fato é necessário.

O papel do professor não se resume ao repasse de conteúdos e estratégias, mas numa incansável busca do ensinar, questionar, educar, de ser modesto em saber ajudar, enfim, é preciso se aceitar como ser humano e depois reconhecer que seus alunos também os são, todos passíveis de erros e acertos, e focando nesse assunto que este trabalho estará sendo realizado.

Assim, entende-se que a essência do trabalho docente, como comunicador criativo, elaborador de sínteses, tem que se pautar em um conhecimento e em grande sensibilidade para as traduções do saber e para as formas de recepção com que os diferentes públicos recebem ou repelem as citações do conhecimento que selecionou.

Sabemos que na prática, as condições são mínimas, os recursos oferecidos não capacitam os professores e também não oferece condições financeiras e nem emocional para que o educador possa explorar melhor o seu trabalho. O que pode ser mudado para então tornar-se um profissional realizado e feliz na sua profissão?

A formação do professor é destacada há muitos anos, em estudo que qualifica, forma o educador e não se deve restringir a uma graduação, mas uma continua busca pelo saber. Segundo o autor Octavio Ianni, pesquisador, professor da PUC-SP, é “discutido uma reforma educacional desde os professores universitários e de outros níveis sem distinção”(IANNI, 2002, p.24).

A formação e qualificação do professor sempre ficaram em segundo plano. Desde 1930, a educação foi pensada como escolarização, capaz de reproduzir e aperfeiçoar a muito mais amplo conhecimento referente não à escolarização, capaz de reproduzir e aperfeiçoar-se a instrumentalização existente. A partir de 1960, a educação começou a ser vista como algo muito mais amplo, referente não à escolarização, mas as formas de reproduzir e transformar a sociedade, desde então têm se cobrado uma atuação de excelência ao educador.

A educação é vista como meio de transformação, seus professores considerados os agentes de reprodução e transformação da cultura, com isso, a relação ao seu trabalho foi crescendo, o educador transferiu a experiência educativa de puro treinamento técnico, para uma formação moral do educando, correndo todos os riscos de aceitar o novo e recusar o velho.

Dessa forma, o educador não tem somente o dever de respeitar deve discutir com os educandos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina para um pensar certo. Segundo Paulo Freire “o ensino é muito mais que uma profissão, é uma missão que exige saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia do ser de todos os educandos” (FREIRE, 1997).

Educar não é tarefa fácil, requer esforços, dedicação, mesmo com tantas dificuldades, como falta de valorização profissional, excesso de trabalho e alunos desinteressados. Como trabalhar com aquele professor que anos de sua vida se prestou ao repasse de conteúdos e hoje se vê confrontando com novas metodologias de ensino? De que forma a gestão escolar influencia a relação professor e alunos?

Para se realizar uma prática pedagógica, um dos fatores importantes é a didática que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino. O ensino destinado a colocar em prática as diretrizes da teoria da aprendizagem, sem ela o educador não alcança as suas metas desejadas. Pode-se dizer que os elementos básicos da ação didática são os professores, o aluno, a disciplina (matéria, conteúdo, conhecimento), o contexto e a metodologia de ensino. A relação professor-aluno é importante no processo de ensino e de aprendizagem. A relação pedagógica deve embasar-se em uma divisão clara de papéis, na qual educador e educando estejam conscientes e os respeitado. Mesmo que o professor exerça sua autoridade de forma democrática e participativa tem ele o direito de manter em classe as condições que permitam a ocorrência da aprendizagem

Este trabalho apresenta uma análise da gestão escolar e a relação professor aluno.

A procura de respostas para as perguntas levantadas no trabalho percorre os caminhos da pesquisa exploratória, bibliográfica, documental e de campo, baseando-se segundo de Gil (2002), utilizando para a coleta de dados e informações a técnica da entrevista, com a utilização de questionários semi-estruturados, com onze questões, em uma amostra populacional, envolvendo docentes da rede de ensino de Porto Nacional – TO.

Para o melhor entendimento da pesquisa, o texto está organizado em cinco partes, sendo quatro capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo, em uma revisão bibliográfica, são abordadas algumas visões e reflexões de educadores da rede de ensino estadual.

Posteriormente, foi feito um estudo documental e bibliográfico, onde foram abordadas as formas de ensino e a postura do professor em relação a sua autoridade em sala de aula.

Complementamos com um estudo sobre gestão escolar e sua influência na relação professor e alunos de Porto Nacional.

Apresentamos e discutimos os dados e as informações resultantes da pesquisa de campo, confrontando-os com a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental apresentadas nos capítulos anteriores.

Nas considerações finais, estabeleceremos a visão e reflexão de educadores e a influência da gestão educacional na relação dos professores e alunos em Porto Nacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educador

Para se realizar uma prática pedagógica, um dos fatores importantes é a didática que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino. O ensino destinado a colocar em prática as diretrizes da teoria da aprendizagem, ou seja, métodos e técnicas de ensino para colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica, sem ela o educador não alcança as suas metas desejadas. Pode-se dizer que os elementos básicos da ação didática são os professores, o aluno, a disciplina (matéria, conteúdo, conhecimento), o contexto e a metodologia de ensino.

A relação professor-aluno é importante no processo de ensino e de aprendizagem. A relação pedagógica deve embasar-se em uma divisão clara de papéis, na qual educador e educando estejam conscientes e os respeitado.

De acordo com Zagury (1999) “Mesmo que o professor exerça sua autoridade de forma democrática e participativa tem ele o direito de manter em classe as condições que permitam a ocorrência da aprendizagem”.

Segundo Gadotti (2003), A escola está buscando soluções para melhorar o desempenho dos alunos, com foco centrado na aprendizagem dos mesmos via fortalecimento da participação efetiva dos Órgãos Colegiados, um patamar de abertura a todos, por acreditar que a participação na gestão da escola é um princípio fundamental na busca da democratização e condição necessária para que se alcance objetivos comuns.

Muitas vezes, os alunos se mostram desinteressados das atividades escolares, por falta de criatividade na apresentação dos conteúdos. Os alunos, muitas vezes, provem de outras escolas onde os recursos eram piores, e se perdem no desenvolvimento escolar. Os professores devem acompanhar esse desenvolvimento e tornar o ensino mais prático, ensinar o “caminho das pedras” para que ele possa desenvolver sozinho a forma de melhor aprender, seja com pesquisa, ou trabalho de grupo, exercícios. É função de o educador acompanhar e ajudar o aluno na busca do conhecimento.

O educador passa por vários períodos de formação pedagógica, para poder auxiliar o aluno no caminho do conhecimento. Nesse período de formação, aprende que despertando a vontade de aprender do aluno, o caminho se torna mais fácil. Quando o aluno é questionado, busca no seu subconsciente as respostas já previamente estabelecidas. Isso é percebido desde as séries iniciais, quando instigamos os alunos a ler e escrever, a extravasar seus pensamentos e relacioná-los com o mundo exterior. Quando o aluno consegue fazer essa relação, o educador percebe que está no caminho certo para o conhecimento e que pode ampliar a prática desse conhecimento.

Referenciando a educação escolarizada, algumas questões que cercam a formação dos agentes do processo ensino-aprendizagem devem ser caracterizadas: o professor. Para tanto, é necessário caracterizar algumas tendências pedagógicas, pois é nelas que a formação de professores se respalda.

Luckesi (1990, p.53) define como tendência pedagógica *“as diversas teorias filosóficas que pretenderam dar conta da compreensão e da orientação da prática educacional em diversos momentos e circunstâncias da história humana”*.

A concepção que o professor tem de si mesmo e sua importância no processo educativo para a sociedade, principalmente no que tange a formação integral do indivíduo tem sido difundida enfaticamente, não podendo considerar o professor apenas a um currículo formal, tecnicista, mas pensar no aluno como um todo, compreendendo seus aspectos emocionais, sociais e corporais.

Pensando dessa forma, entende-se que o ato de educar não deve se restringir ao repassamento de informações ou direcionamento de um caminho tido como correto pelo professor, porém é disponibilizar condições para que uma pessoa possa obter e utilizar informações objetivas a respeito de si mesmas, dos outros e do contexto social onde se encontra inserida.

Muitas são as propostas para uma formação profissional de professores que deve contemplar as demandas da formação dos indivíduos na sociedade atual. O educador é, antes de tudo, um ser humano, e esse se constitui dialeticamente como produto e produtor de um espaço cultural, político e social do qual faz parte. A prática docente se constitui em sua maioria, no método de ensinar, nas experiências e compromisso do professor, que buscará aperfeiçoar-se, a fim de conduzir os alunos ao sucesso escolar.

O professor precisa repensar na sua prática docente. Conhecer a realidade cultural e cognitiva dos seus alunos a fim de buscar estratégias para que os mesmos possam superar suas dificuldades de aprendizagem.

Sabe-se que o professor precisa seguir as normas do sistema educacional, quase sempre tradicional, mas ele tem autonomia em sala de aula, por isso, sua metodologia de ensino, sua prática educativa, é que fará a diferença e esta tem que ter qualidade.

Existem muitos educadores despreparos, sobretudo os leigos, que não possuem base teórica e que ensinam não por vocação, mas para terem uma profissão, sem contar a falta de compromisso, de qualificação e inexperiência, que serão, certamente, obstáculos ao processo de ensino.

Enfim, por ser o professor o mediador do processo de aprendizagem, este não pode desprezar as experiências de vida e os conhecimentos trazidos pelos alunos, pois este deve ser o ponto de partida para motivar e transformar a realidade, para que ocorram mudanças e avanços, a fim de que haja integração na sociedade letrada.

2.1 Formas de ensino

Assim como a cultura, a educação é necessária para que o ser humano possa sobreviver. Para que não precise inventar tudo de novo, é necessário apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Isso era importante em tempos anteriores e hoje, na sociedade do conhecimento, é ainda mais decisivo (IANNI, 2002, p.34)

O educador precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber essa relação entre o que ele está aprendendo e essa herança da humanidade. O educando que não perceber essa relação não compreende aquilo que está aprendendo e, portanto, não aprenderá e fará resistência à aprendizagem, tornando-se indiferente ao que o professor estiver ensinando. Só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando a aprendizagem tem algum sentido prático. Às vezes, a maior prova de inteligência é a recusa em aprender. Segundo Gadotti (2003, p.28): *"Precisamos aprender "com". Aprendemos "com" porque precisamos*

do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos".

O ato de "apreendermos" está ligado à necessidade que temos, por isso há que ter sentido naquilo que se está ensinando. O que aprendemos tem que "significar" algo para nós. Alguma coisa ou pessoa tem significado quando ela deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Segundo Alves (2002, p.3): *"O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas, possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez".*

Todo ser vivo aprende interagindo de acordo com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Para o professor ensinar ele precisa dominar, além do texto, o contexto, além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico e histórico do que ensina.

O educador precisa ter clareza do que é aprender, do que é "aprender a aprender", para entender melhor o ato do ensino-aprendizagem. Ao educador, não basta saber como se constrói o conhecimento, precisa dominar outros saberes da tarefa de ensinar. Aprender não é acumular conhecimentos, pois o importante é aprender a pensar, aprender a aprender.

É o indivíduo que aprende através da sua experiência, não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença. Este texto que estou escrevendo agora, por exemplo, é resultado de um diálogo: diálogo com o contexto, com os autores que li e com o que vi e realizei no correr do tempo.

Aprendem-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. É preciso tempo para aprender e para sedimentar informação. Não dá para aplicar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação. Como diz Freire (1997, p.25): *"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".*

Aprendemos quando colocamos emoção no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com afeto e carinho. Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. "Dar aulas" tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na "aula". Precisamos parar para pensar a escola, pensar no que estamos fazendo.

Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo na escola. E vem a pergunta desalentadora: "Para que estou estudando isso, professora?" - "Para que estudar?".

O aluno, por questão de mercado de trabalho e pelas exigências das empresas quer saber, quer um certificado, mas ele não quer aprender, não quer aprender o que lhe é ensinado e nem como lhe é ensinado. E o conflito, o desinteresse, a indisciplina, a violência nas escolas está crescendo. A escola ensina num paradigma e o aluno aprende num outro paradigma.

Segundo Gadotti (2003, p. 34): *"O profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro."* O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados.

Muitas vezes não vemos sentido no que estamos ensinando. E os alunos também não vêem sentido no que estão aprendendo. Numa época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional deve construir sentido com seus alunos. O processo ensino-aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande estresse de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no "viver sem sentido" do que estão fazendo. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas.

Quando fala-se na educação moderna, percebe-se que o novo professor é um profissional que aprende sem hierarquias, cooperativamente. É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua história.

Por esse motivo, o educador precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

O enfoque da formação do educador deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem. Diz Freire (1997, p.96):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a

intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Como mobilizar o desejo de aprender? Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. "*Saber é saborear*", diz Rubem Alves. O educador é aquele que consegue romper o desquite entre a vida escolar e o prazer.

Para ensinar são necessários os seguintes parâmetros: Gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como o roceiro que cuida com emoção de sua roça; Amar o educando (criança, adolescente, adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é "*significativo*" (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos.

O que aprendemos deve fazer parte do nosso projeto de vida. É preciso gostar de ser educador (auto-estima) para ensinar.

Até para um professor com larga experiência, é impossível entrar em classe sem antes planejar a aula. É por isso que os profissionais que entendem de didática insistem na idéia de planejamento como algo que requer horário, discussão, esquematização e formalidade. Agindo assim, tem-se uma garantia de que as aulas vão ganhar qualidade e eficiência. O professor fica mais seguro e logo percebe a diferença na aprendizagem e até na disciplina.

O plano de aula é a previsão dos conteúdos e atividades de uma ou de várias aulas que compõem uma unidade de estudo. Ele trata também de assuntos aparentemente pequenos, como a apresentação da tarefa e o material que precisa estar à mão. São detalhes que fazem toda a diferença e garantem 90% do aprendizado dos alunos (SEDUC,2007).

Entre o plano de aula e o planejamento existe uma articulação - a definição do que vai ser ensinado num determinado período, de que modo isso ocorrerá e como será a avaliação. O planejamento, por sua vez, se baseia na proposta pedagógica, que determina a atuação da escola na comunidade: linha educacional e objetivos gerais.

Portanto, o plano de aula se encontra na ponta de uma seqüência de trabalhos. Esse encadeamento torna possível uma prática coerente e homogênea, além de bem fundamentada. O tema, objetivo e avaliação devem ser bem definidos; antes de iniciar o plano de aula, é preciso dividir em etapas o planejamento de um determinado período (bimestre ou quadrimestre). Com uma visão do todo, fica mais

fácil preparar o plano de aula conforme o tempo disponível. Não há modelos certos ou errados, não existe receita.

Os planos de aula variam segundo as prioridades do planejamento, os objetivos do professor e a resposta dos alunos. Mesmo assim, é possível indicar os itens que provavelmente constarão de um plano de aula que terá bom resultado. Um dos primeiros itens da lista deve ser o próprio assunto a ser tratado. Logo em seguida vêm os objetivos da atividade e que conteúdos serão desenvolvidos para alcançá-los. As possíveis intervenções do professor (como perguntas a fazer), o material que será utilizado e o tempo previsto para cada etapa são outros itens básicos.

É preciso verificar a eficiência da atividade. A única forma de fazer isso é avaliar o aluno e o mediador. O critério de avaliação também é flexível. Da avaliação dependem os ajustes a serem feitos no processo. Eles são fundamentais para que a aula seja de boa qualidade.

Planejando tem-se mais experiência para antecipar o que pode acontecer. O professor se prepara para os possíveis caminhos que a atividade vai tomar. Não é desejável prever cada minuto da aula. Os planos vão se construindo a cada etapa, dependendo do que foi avaliado na etapa anterior. Se o plano de aula não prevê tempo e espaço para os alunos se manifestarem, a possibilidade de indisciplina é grande - e de aprendizado problemático também. O plano de aula é um fio condutor para onde sempre se volta.

Os educandos não são os únicos modificados pelo aprendizado. Reservando um tempo depois da aula para refletir sobre o que foi feito, tem-se oportunidade de rever a prática pedagógica. Se o trabalho for acompanhado por um orientador ou coordenador pedagógico, tem-se um dos melhores meios de formação em serviço. Portanto, o plano de aula é uma bússola para que se conduza da melhor forma o dia-a-dia profissional.

Na sala de aula, o comportamento de um aluno pode ter diferentes causas. O que funciona com um estudante é ineficaz com outro e dá resultados medianos em um terceiro. Como descobrir que remédio, que técnica educacional funciona melhor? Da mesma maneira que os médicos fazem: primeiro, estudar, informar-se, descobrir o que os outros professores fazem em cada caso. Aí, examinar cada aluno. Não com estetoscópio e aquela luzinha de ouvido, mas com perguntas e observando o comportamento apresentado no cotidiano.

E ainda pode fazer algo a mais que um médico: pode testar diversas técnicas de ensino e gerenciamento de sala de aula, até encontrar a que melhor funciona em cada situação e aluno. Sem risco nenhum para o paciente - digo, estudante - pode avaliar diversas maneiras de conseguir os melhores resultados e o melhor aprendizado em sala de aula.

Para se fazer uso da tecnologia em sala de aula é preciso que os professores estejam preparados, para que possam manusear e direcionar esses recursos, em favor de suas aulas e principalmente dos alunos.

Pois como afirma Libâneo, 1999, p.12.

O professor precisa incorporar novas" atitudes docentes, assumir o ensino como mediação; Assumir a idéia de prática interdisciplinar na escola; Conhecer estratégias de ensinar a pensar e ensinar a aprender; Empenhar-se em auxiliar o aluno a buscar uma perspectiva críticas dos conteúdos; Assumir a sala de aula como um processo comunicacional; Reconhecer o impacto das novas tecnologias na escola.

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, devemos nos lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos, é, também, local de aprendizado de valores e comportamentos, aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Tão bem nos lembra Grisi (1971): "*Toda aula, em resumo, seja qual for o objetivo a que vise, e por mais claro, preciso, restrito, que este se apresente, tem sempre uma inelutável repercussão mais ou menos ampla, no comportamento e no pensamento dos alunos*" (p.91).

Ao defender o respeito as necessidade e aos interesses de cada educando, de acordo com os estágios de desenvolvimento correspondentes às faixas etárias, estamos acompanhando o processo e detectando o modo particular de cada um manifestar o seu potencial.

A escola deve proporcionar a formação integral (intelectual, afetiva e social), respeitando o ritmo e a potencialidade de cada criança. Hoje a escola enfrenta o problema da diversidade, recebe-se nas escolas aluno de diferentes classes sociais e de ambientes diversos, dificultando as relações afetivas em sala de aula.

Para alcançar uma formação integral do aluno, a atividade essencial da escola torna-se realidade a partir da relação pedagógica efetiva e afetiva entre

professor e aluno na sala de aula, pois a formação básica do aluno se dá nesse processo e o conhecimento, mediados pela realidade. Nesse espaço, o conhecimento se constrói na medida em que se efetiva o processo de ensinar e aprender. Professor e aluno agem e interagem em torno daquilo que é fundamental na educação escolar: o conhecimento.

A qualidade do ensino é constituída, verdadeiramente na sala de aula, na relação aluno-conteúdo sob a mediação do professor. Assim sendo, nenhuma escola conseguirá ser competente, se a prática docente na sala de aula não estiver ancorada numa base consistente de conhecimentos, na escolha e no manejo de métodos e processos adequados às peculiaridades dos alunos. Tudo isso favorecerá um clima de prazer na aprendizagem, bem como a troca de experiências e ajuda mútua.

Para Cagliari (1998) *"A insensibilidade dos professores, da escola e dos órgãos públicos com relação ao processo de aprendizagem é patente e geralmente catastrófica para o ensino"* (p.38). Alguns professores têm muita dificuldade em olhar para seus alunos e enxergar o que se passa com eles. Na maioria das vezes, sabem apenas aplicar o que aprenderam nas escolas de formação ou em livros, sem levar em conta se aquele é o momento adequado para o que pretendem fazer e se aqueles alunos se enquadram ou não no caso que querem aplicar.

Sabemos que a educação não pode viver somente do ensino, caso em que o professor chega na sala de aula e despeja em seus alunos um assunto de certo conteúdo, mas também não pode viver só de aprendizagem, deixando que os alunos descubram por si mesmos e fazendo o que bem entender. Deve haver um equilíbrio onde o professor ensine, mas não se sinta o dono da educação, aquele que domina tudo. É preciso que haja a participação do aprendiz para que ele mostre que aprendeu e isso ele mostrará utilizando adequadamente os conhecimentos adquiridos.

2.2 Relações professor-aluno

A relação que se estabelece entre o professor e os alunos, em termos de organização social, colocam o professor como um adulto, que conhece a matéria e

sabe como ensiná-la, separando-se do grupo de alunos pelo físico, pela experiência, pela competência, pelos comportamentos.

Entretanto, na medida em que se desenvolvem as relações entre o professor e os alunos, sua liderança pode tornar-se sempre menos institucional, mais natural e pessoal. Quando suas relações com os alunos ultrapassam os estreitos limites da sala de aula, e estabelece um relacionamento amistoso, o professor é aceito como pessoa e não como simples autoridade, conseqüentemente estará desenvolvendo a liderança pessoal.

Para Zabala (1998),

Alguns teóricos da educação, a partir da constatação da complexidade das variáveis que intervêm nos processos educativos, tanto em número como em grau de inter-relações que se estabelecem entre elas, afirmam a dificuldade de controlar esta prática de uma forma consciente. Na sala de aula acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, o que faz com que se considere difícil, quando não impossível, a tentativa de encontrar referencia ou modelos para racionalizar a prática educativa (1998, p.14).

É na sala de aula que ocorre o momento crucial da educação escolar, e encontro de vidas, ambas buscando crescer e alcançar a plenitude, a comunhão aluno-professor. Um componente importante para o desenvolvimento do trabalho pedagógico é a interação professor-aluno. O relacionamento entre estes dois elementos constitui a chave do processo ensino-aprendizagem. O contato entre mestres e alunos, a demonstração de afetividade, atenção e interesse influem no desempenho de suas tarefas. O aluno e o professor assumem, na sala de aula, posições distintas de cuja interação resulta a aprendizagem e a educação.

A diferente forma de relacionamento que o professor adota com o aluno pode ser considerada como mediações históricas. Elas estão diretamente relacionadas com a concepção de homem, de sociedade, de aprendizagem, de conhecimento.

De acordo com a fundamentação teórica que o professor adota em sua prática educativa ele revela um tipo de relacionamento com o aluno ou se tornando o centro do processo educativo ou dando oportunidade ao aluno em se constituir sujeito deste processo, ou ainda, ambos se constituindo como agentes educativos.

O papel do professor é insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no processo, ou seja, o aluno com sua experiência imediata, num contexto cultural, participa na busca da verdade ao confrontá-la com os conteúdos e modelos, expressas pelo professor. Assim, um professor que esteja

engajado numa prática transformadora procura desmistificar e questionar com o aluno, valorizando a linguagem e a cultura deste, criando condições para que cada um deles analise o próprio contexto e produza sua cultura. Cabe ao professor proporcionar ao aluno momentos de reflexão que conduzam ao aprofundamento da consciência da situação problemática apresentada em vista a sua superação.

O professor deve desenvolver sua aula apresentando um objetivo de conhecimento como mediação entre ele e os educandos. E para isso acontecer, na medida em que o educador dialoga com seus educandos deve chamar a atenção destes para um ou outro ponto menos claro, problematizando-o sempre. É no diálogo, na participação ativa que o aluno desenvolve seu raciocínio, toma posicionamento, dá opiniões, aceita opiniões dos colegas, liberta-se da consciência ingênua em prol da consciência crítica. A relação dialógica professor-aluno pressupõe envolvimento dos participantes e requer uma atitude aberta de compreensão do homem, de análise e crítica constante. O professor tem uma ação dinamizadora impulsionando a ação do aluno-indivíduo e coletivamente. O relacionamento professor-aluno leva a desenvolver modelos de intervenção mútua onde são despertados, por exemplo, o respeito aos outros, os esforços coletivos, a autonomia nas decisões, a responsabilidade compartilhada e a solução comum dos problemas.

A relação professor-aluno é um tipo de vínculo que será refletido na sociedade, portanto é importante o vínculo que se estabelece na "práxis" pedagógica. O professor que têm um bom relacionamento com os alunos provavelmente contribuirá para a efetiva formação de cidadão, objetivo expresso na legislação vigente em todos os projetos, planos e propostas de ensino deste século.

Procura-se hoje resgatar a dimensão humana do trabalho pedagógico, evidenciando o relacionamento professor-aluno, mas ao lado do papel técnico de ensinar, ou seja, o "como se relacionar com o aluno" está incluindo o papel político desse relacionamento, de mobilizar, de acionar a participação efetiva no processo de mudança da realidade.

Do que foi exposto fica claro que o tipo de vínculo que o professor estabelece em sua relação com o aluno não só revelam a sua postura pedagógica como também prepara o aluno para o desempenho de posteriores papéis na sociedade.

O professor deve estar sempre preparado para eventuais casos de

disciplina e organização em sala de aula. Não é curso superior que vai garantir seu sucesso, é necessário estar sempre atualizando, trocando experiências com os colegas e buscando novas informações para uma formação continuada.

Outro aspecto preponderante é conhecer o aluno e seu ambiente social. Sabemos que toda aprendizagem, para ser significativa deve partir das idéias prévias que o aluno tem sobre certo assunto. A partir daí, introduzir novas aprendizagens que acrescente a experiência do aluno, permitindo o seu desenvolvimento, mas sempre respeitando a diversidade. See (1997), ... *nessa relação pedagógica, compete ao professor o papel de mediador entre o conhecimento escolar e o aluno, considerado como alguém que já detém determinadas noções e informações sobre o objeto a ser estudado* (SEE, 1997, p.28).

Algumas técnicas de distribuição de classes foram sendo formuladas ao longo dos anos, e, sabemos que não há uma técnica melhor do que a outra, e, nem um manual de instrução para o professor trabalhar com a diversidade dos alunos; é necessário que o professor reflita sobre sua prática e dialogue sobre regras com seus alunos como: permissão, tolerância, diálogo, interferência e planejamento preventivo.

A tolerância é muito comentada pelos profissionais da educação, o professor às vezes considera certo comportamento intolerável, mas a primeira providência é tentar fazer com que o aluno também entenda da mesma forma, só assim ele modificará aos poucos seu comportamento. Forçar a mudança brusca pode impedir sua aprendizagem e o desenvolvimento de uma personalidade crítica; ele precisa entender que o professor tolera certos comportamentos, mas que não os aprova.

Um relacionamento novo na construção da coletividade só ocorrerá através diálogo franco, por mais difícil que possa ser este tipo de diálogo é muito importante, pois as contradições podem aparecer e fica mais fácil, tanto para a classe, quanto para o professor, trabalhar com elas.

Para haver diálogo verdadeiro não podem ocorrer formas agressivas de pressão e de poder. Isto é quase impossível na escola, pois o professor detém o poder numa série de situações (notas, advertências, chamar os pais). Entretanto, considerando o objetivo comum de melhorar as aulas, o professor deverá abrir mão, o mais possível de algumas destas formas de poder. Por outro lado, o poder pode

ser utilizado, de forma não agressiva, para o bem da coletividade. Para tanto, deve ser legitimado por essa coletividade e novamente a legitimação é o diálogo. É necessário que cada ato deste poder tenha o seu conteúdo o mais claro possível.

Deve-se estar atento ao fato de que quando se inicia um processo de transformação, a primeira resposta pode não ser a melhor, pois é fruto de autoritarismo assimilado, lembrando a questão do opressor e do oprimido, levantada por Paulo Freire. De modo geral podemos dizer que, se fossemos identificar opressor e oprimido numa sala de aula, os alunos ficariam como oprimidos. Pois, cada oprimido "hospeda" um opressor dentro de si (modelo que foi assimilado pela própria educação hierarquizada). Freire (1997, p. 80) "*Sem o diálogo, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação*". Temos que reconhecer o diálogo como peça fundamental na relação professor-aluno e conseqüentemente no processo ensino-aprendizagem.

Quando e como usá-la? Ainda que o professor seja psicológica e pedagogicamente treinado e esteja ciente dos seus objetivos e dos problemas centrais da criança, comportamentos indesejáveis surgem inesperadamente na sala de aula. Tais comportamentos precisam ser compreendidos antes que toda classe seja prejudicada, assim como a própria criança. "*Gerenciar os conflitos escolares numa perspectiva dialógica e de respeito mútuo, a partir de trocas significativas entre os membros da comunidade escolar*" (AQUINO, 2003, p. 80).

Neste caso o professor terá que interferir: para evitar perigo físico: brincadeiras com objetos que podem ferir, brincadeiras com flecha, fósforo, faca ou canivete; para proteger a crianças de agressões psicológicas como: apelidos depreciativos, desrespeito pela cor, nível econômico, condição social, religião e outros; para evitar discussões e exaltação por parte dos alunos em jogos e brincadeiras; proteger uma atividade em curso que às vezes tem um ou dois alunos atrapalhando o andamento da aula; impedir que o aluno vá contra as regras estabelecidas pela escola; evitar conflitos com a vizinhança da escola e outros. Toda interferência deve ter como objetivo ajudar a criança e o grupo no seu completo ajustamento.

O professor desempenha papel fundamental no processo ensino aprendizagem, criar condições para que os alunos construam conhecimento físico. Por isso é importante discutir alguns pontos que dizem respeito ao modo como o professor cria um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus

alunos.

Mediante o contexto atual, verifica-se um grande processo conturbado, no âmbito da política, cultura, no social e educacional. Momentos de desencontros, desacertos, mas que nos quais emergem sinais de vida, ou seja, esperanças de mudanças, e ao serem destacadas a mudança educacional, observa-se à necessidade de refletir sobre o verdadeiro compromisso pôr parte do educador no relacionamento e aprendizado com o aluno, uma vez que ao assumir seu papel, deve fazê-lo com responsabilidade e veracidade.

A *priori*, falar em relação é falar em entrosamento, parceria, convivência a dois ou mais indivíduos. E a necessidade de viver em comunidade é natural do homem, embora cada um tenha sua personalidade, sua identidade, sua opinião, seu ponto de vista. Considerando esses aspectos podemos ressaltar dois tipos de grupos citados por Freire (apud GROSSI 1992, p.61): "*Há dois tipos de grupos: primários e secundários*". A família é um grupo primário. Secundários são grupos de trabalhos, estudos, instituições etc.

Ao reportarmos para a escola, encontramos também essa relação entre professor e aluno, só que infelizmente, na maioria das vezes, o que se vê neste contexto é uma relação problematizadora. Na concepção problematizadora, o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa.

Os professores constituem-se e identificam-se como tais a partir de suas relações com seus alunos, e estes pôr sua vez de igual forma. Uma vez que a escola é vista como ambiente destinado aos processos didáticos-pedagógicos, professores e alunos convivem cotidianamente pôr longos períodos, devendo existir entre eles relações humanas e proximidade pessoal.

Pode-se dizer que no relacionamento professor-aluno, querendo ou não, há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos, também ensina e aprende, mesmo sem intencionalidade.

Há sempre uma circulação de conhecimentos formais e sistemáticos, de que os primeiros (professores) são titulares, como também de saberes da vida cotidiana, das formas e conteúdos culturais, de que os alunos são igualmente portadores.

Neste sentido percebe-se, entretanto, que há nestas trocas de conhecimentos relações ou conflitos, haja vista que professores e alunos estão ali em diferentes lugares e posições de poder, muitas vezes distanciados pela diferença de idade, de origem e posição social e até mesmo pela linguagem utilizada por ambos.

Com isso os alunos acabam fechando-se entre si, não permitindo uma abertura para uma relação mais harmoniosa, causando desta forma um confronto no convívio escolar, no qual nas formas de relacionamento corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor, estimulando os alunos a se afastarem dele.

O que se percebe no âmbito escolar é uma visão de professor dono do saber e da situação. Logo que entra na sala de aula, sua postura já demonstra autoritarismo e sua fala reforça mais ainda sua relação de poder: "Eu não quero bagunça; todo mundo copiando; senta e não fala nada"; e o aluno se mostra coagido perante o professor, podendo resultar em fracasso escolar, e gerar danos sérios para esse aluno. *Ao falar sobre as relações de poder na escola, medo e prazer, desejo e liberdade também é importante considerar vida e morte, e violência que é praticada por um sistema muitas vezes perverso.* Grossi (1992, p.40)

Sistema este que serve para classificar, excluir, marginalizar o aluno, ao dar sua nota com resultado de reprovação. E o professor sem a mínima preocupação em saber quais os fatores que fizeram este educando ser reprovado, classifica-o como um ser que jamais aprenderá, acabando de vez com a possibilidade de haver a relação de parceria.

Sabe-se que a integração entre os dois segmentos professor-aluno é fator fundamental para o êxito de qualquer experiência, ou seja, aprendizado, pois às vezes a rigidez do ensino em que o professor tem um roteiro preestabelecido de conteúdos para ministrar, também afasta a possibilidade de envolvimento.

É válido ressaltar a questão da participação em sala de aula, no qual o interesse dos alunos pelo que o professor está propondo se torna uma realização deste professor, sentir que alguém se interessa pelas mesmas coisas que ele um dia se interessou, e resolveu até dedicar a vida a isto. Muitas vezes, a não participação dos alunos em sala de aula é uma forma de boicotar o trabalho, pois não dão retorno, não ajudam o professor, a saber, o que está indo bem, se estão entendendo, se estão achando interessante ou não. Quando o aluno se posiciona em sala de aula, quando participa, inclusive para criticar, o professor sente que não

está falando com as paredes, que não está sozinho.

Observa-se então que a relação de ambas as partes (professor-aluno) se fortifica mais ainda, a partir do momento que o educador valoriza seu educando e se conscientiza de que também é aprendiz, vai interagir melhor nessa relação, criando uma confiança pôr parte do educando, que pôr sua vez perderá o medo, a insegurança e falta de interesse, e parceria, o comungar das idéias, será relevante para que a aprendizagem aconteça com êxito.

A relação assim é harmonia, acontecendo à descontração na aprendizagem; o aluno vai entender melhor o assunto dado pelo professor, tirando assim suas dúvidas sem dificuldades na relação, havendo meios e expectativas na construção de um novo saber, em que o professor e os alunos participarão de uma verdadeira comunicação.

O professor refletindo sobre sua ação busca um compromisso sério, pois envolverão ambos os partícipes do processo educacional: professor-aluno, não estando mais isolado um do outro. O educador passa a interagir com o aluno ao trazer deste para a sala, fazendo-o participar do contexto em que está inserido. E o que é mais significante, a cada ensino-aprendizagem, deverá refletir sobre, para poder saber melhor agir, com seus alunos.

Com isto, Freire ressalta sobre o verdadeiro compromisso como gesto solidário:

O verdadeiro compromisso que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tão pouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho, comprometido é aquele com quem se comprometeu e a incidência de seu compromisso que sendo encontro dinâmico de homens solidários ao alcançar aqueles com os quais se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. (FREIRE,1979, p.9)

Sendo assim, o ensinar então para o professor, não será mais um simples ensinar, mas um envolver-se com o aluno, numa tarefa de ajudá-lo a melhor aprender. O educador passa a ser mediador da aprendizagem e não mais um mero transmissor e conhecimentos; e o aluno torna-se um ser participativo, construindo seus próprios conhecimentos a partir do seu contexto em evidência, desafios, propostas, levantando questionamentos para esclarecimentos de dúvidas.

Em fim, fazendo-se pessoa na esfera educacional e compreendendo o mundo através do diálogo com os demais sujeitos no processo de ensino. A tarefa coerente do educador que pensa certo é exercendo como ser humano a irrecusável

prática de compreender ou apreender a realidade através do pensamento ou raciocínio objetivo, sem o uso de intuição ou sentimento, desafiar o educando com quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996, p.42).

É nesse desafio lançado também para o aluno, que o professor dará mais oportunidade para ele (aluno) de si tornar mais responsável. À medida que percebe que está sendo parte do processo de aprendizagem ao ser participante ativo, evitando dessa forma a falta de estímulo e até, muitas vezes de evasão escolar.

Nesta concepção é que se estará percebendo a transformação acontecer. O professor passa a ser animado, dialogando com os alunos e trabalhando pedagogicamente as características de cada grupo, num engajar crítico de ambas as partes, partindo do ato de conhecer, resultando numa relação horizontal.

É através do pensar e repensar de seus atos, que o educador constituirá no grupo (aluno) um espaço constante de trocas de aprendizagem, assim como, experiências vivenciadas e aprimoradas pelo meio, tornando os alunos em verdadeiros sujeitos da história.

A educação está movida não somente pelo intelectual, mas principalmente pelo emocional, através da alegria, entusiasmo e desejo que o educador deva ter em desejar transformar a si mesmo e seu educando.

Com isto, destaca-se um questionamento: Por que determinados docentes são considerados como bons professores por seus pares, por seus alunos e mesmo por quem não tem contato direto com o ensino? Seria este professor o inovador por excelência? Ou o amigo de sempre, que conta piadas aos alunos, que se interessa por suas vidas, e que é despido de qualquer formalidade?

É certo que o bom professor tem consigo idéias e consciência de um bom relacionamento humano e de clima favorável e necessário a uma educação de prazer e qualidade de ensino.

Existe um certo consenso sobre os comportamentos que se espera de uma aluno e o mesmo acontece com relação ao professor, pois se pode dizer que não há dúvidas de que existe entre alunos e professores expectativas que estão relacionados ao desempenho dos dois e que o desempenho de ambos vai depender muito da relação, principalmente afetiva e de respeito entre eles.

Difícilmente um bom aluno apontaria um professor como bom ou melhor de um curso sem que este tenha as condições básicas de conhecimento de sua matéria de ensino ou habilidades para organizar suas aulas além de manter relações positivas. (CUNHA,1989, p.69).

Contudo, quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor, destaca os aspectos afetivos. Neste caso, entre as expressões relatadas pelo autor, algumas mais usadas foram: o professor é amigo, é compreensivo, é gente como a gente, se preocupa com os alunos, é disponível mesmo fora de sala de aula, coloca-se na disposição dos alunos, entre outros.

É importante ressaltar que a forma como o professor se relaciona com sua própria prática, com sua área do conhecimento e mesmo com a produção do conhecimento, sua metodologia, é fundamental e conforme Cunha, interfere na relação professor-aluno.

Um professor que tem um bom relacionamento com os alunos tem mais chances de acreditar nas potencialidades, e se preocupar com o aprendizado e com o nível de satisfação para os alunos, tornando mais atrativas a participação dos alunos no ensino, uma vez que o professor que tem uma boa relação com seus alunos, é natural preocuparem-se com formas dialógicas de interação, com os métodos utilizados no aprendizado

Dessa forma, pode-se dizer que o professor precisa estar voltado para um trabalho harmonioso, no qual aprender e ensinar se torne prazeroso tanto para o aluno, como para o professor respectivamente, pois quanto maior o senso de humor, o gosto de ensinar, do professor, mais agradável e interessante se tornarão às aulas.

É na questão da participação, da colaboração, do incentivo e do estímulo, que colocamos o relacionamento professor-aluno como um desafio para o educador, visto que boa parte dos professores atuantes em sala de aula sente dificuldades em fazer os alunos agirem conforme a expressarem suas idéias. Acredita-se que a aprendizagem se faz mais eficiente quando o aluno age e interage no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo desta forma uma certa autonomia.

Com isto, observa-se que a autonomia dos alunos deve ser desenvolvida desde as séries iniciais, ou seja, desde muito cedo, quando ainda criança. E para isso é necessário que os professores tomem muito cuidado ao estipularem regras, principalmente aquelas que possam intervir no trabalho e na convivência em sala de aula.

Pessoa (1998, p. 29) ressalta que: "*criar alunos autônomos, que saibam*

pensar, tomar as próprias decisões e estudar sozinhos, é uma das metas do ensino". Muito se fala que um dos principais objetivos da escola é levar o aluno a aprender a aprender, mas para que isso aconteça é necessário redefinir as relações professor-aluno na sala de aula.

Dessa forma percebe-se que os professores devem levar seus alunos a pensarem por si mesmo e a cooperarem sem coerção, ajudando-o a construir suas próprias razões morais, físicas, afetivas e, portanto sua autonomia. E para ser desenvolvida essa autonomia dos alunos é preciso que o professor tenha regras claras, mas que essas regras não sejam impostas e sim explicadas, discutidas entre professores e alunos, possibilitando desse modo uma relação de respeito e confiança entre ambos, no qual a responsabilidade do que acontecer em sala de aula, não deve ser unicamente do professor, como diz Pessoa (1998, p.30), *"essa responsabilidade tem que ser repartida e os alunos devem tornar-se co-responsáveis pelo seu aprendizado"*.

Podemos dizer que o desenvolvimento humano da autonomia dos alunos não só é um desafio para o educador como também faz parte do relacionamento professor-aluno, no sentido de criar condições para os educando, pensarem, argumentarem, exporem idéias próprias e não apenas repetirem o que é dito pelo professor.

O professor é capaz de reconhecer que a ação do aluno não é isolada, mas está apoiada na ação dele, deve ser capaz de utilizar os resultados obtidos pelos alunos a fim de avaliar o próprio trabalho, ou seja, o professor deve ser capaz de analisar, refletir sobre os seus atos a todo o momento, procurando mudanças significativas no seu agir.

Os alunos precisam perceber que a situação do professor em nossa sociedade está muito delicada e eles tem em mãos um potencial incrível para ajudar a reverter este quadro. Muitas vezes o professor não percebe onde está falhando, e ninguém sinaliza qual é o seu compromisso ético e pedagógico de educador que deve ser manifestado primordialmente na colaboração, que resultará num clima esperançoso na aprendizagem como no próprio contexto escolar.

O ambiente educativo deve ser lugar fascinante e inovador e com capacidade de propiciar ao aluno elementos necessários à aprendizagem, pois através do prazer, da ternura é que acontece a metamorfose do conhecimento.

3 GESTÃO ESCOLAR

Como gerir uma escola, organizando, mobilizando todo sistema educacional para que a aprendizagem se torne uma forma democrática e participativa. Conforme apontado por Lück (2000, p. 11), gestão escolar:

[...] constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.

Gestão escolar é definida por Menezes e Santos (2002) corroborando com Lück (2000) como a expressão relacionada à atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientados para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos.

Segundo Hengemuhle (2004, p.194) a coordenação pedagógica precisa acompanhar as práticas do docente, não como supervisora, mas como orientadora, verificando o perfil de liderança em conjunto com as tendências pedagógicas contemporâneas, contribuindo assim para as práticas do corpo de aprendizagem.

Levando-se sempre em consideração que o gestor deve visar o sucesso de sua instituição, exercendo liderança administrativa e pedagógica, pensando no progresso de todos que fazem parte de sua equipe, professores, alunos e demais funcionários da instituição. Uma gestão escolar eficiente é capaz de desenvolver o potencial de trabalho de toda sua equipe e realizar com sucesso todos os projetos desenvolvidos pela instituição de ensino. Por isso, é muito importante o projeto político-pedagógico na escola.

Segundo Santos (2006, p.130) cabe ao gestor escolar assegurar que a escola realize sua missão: ser um local de educação, aprendizagem, um local de elaboração do conhecimento, aquisição de habilidades e formação de valores.

E através da gestão democrática e participativa, é possível conduzir a gestão da escola em seus aspectos administrativos, econômicos, jurídicos e sociais. Ele deve incentivar a participação, respeitando as pessoas e suas opiniões, por isso, gestão democrática.

Libaneo (2005, p. 232) considera que a gestão pedagógica o lado mais importante e significativo da gestão escolar pois cuida de gerir a área educativa, estabelece objetivos específicos para o ensino e define as linhas de atuação de acordo com esses objetivos, propondo metas a serem atingidas e conteúdos a serem elaborados, além de avaliar e acompanhar o rendimento das propostas pedagógicas do corpo docente e da equipe escolar como um todo.

A atuação do gestor é fundamental na transformação da escola em um espaço vivo e atuante, no qual o foco central seja o aluno.

A avaliação é um instrumento a serviço da gestão escolar e, para tanto, a avaliação desperta tanta resistência na maior parte das pessoas porque, tradicionalmente, ela tem sido usada como um instrumento de controle para adequar as características dos indivíduos às exigências de dadas situações ou circunstâncias. E nessa avaliação, que a gestão influencia o comportamento e a relação professor-aluno. Verificando os métodos de ensino e a capacidade de transmitir conhecimentos (pelo professor) e adquiri-los (por parte do aluno).

Os gestores devem estar conectados com os professores a concepção de escola que desejam implementar e, de acordo com essa concepção, definir como será o Projeto Político Pedagógico – PPP - da escola e a prática de seus professores, de maneira a promover a aprendizagem contínua dos alunos.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPOS DE PESQUISA

Tipo da pesquisa qualitativa, com pesquisa exploratória, documental e bibliográfica.

Neste contexto BODGAN & BIRKLEN (*apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11) afirmam que a pesquisa qualitativa é aquela que:

Supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigado, via de regra através do trabalho intensivo de campo envolve a obtenção de dados descritivos, conseguidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

No primeiro momento da pesquisa foi efetuada a coleta de informações bibliográficas e documentais na escola; no segundo, foram selecionadas as teorias das bases, que consistiram num conjunto de considerações, princípios e significados de baixo para cima; por meio das entrevistas semi-estruturadas e da observação livre, os entrevistados relataram suas experiências, sua vida, seus projetos e buscaram o que estava invisível, que são as essências de uma pesquisa qualitativa.

4.2 LOCAIS DA PESQUISA

Escolas Estaduais de Porto Nacional -Tocantins

4.3 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A decisão pela entrevista semi-estruturada foi a opção escolhida porque por meio dela procurou-se criar um clima de familiaridade e simpatia com os entrevistados para que eles sentissem a importância de sua presença neste trabalho e participassem com interesse no desenrolar da investigação.

Houve respeito pela ordem lógica e psicológica das perguntas que poderiam bloquear outras que deveriam ser feitas. Logo, a habilidade e a percepção foram requisitos fundamentais neste tipo de entrevista escolhida, principalmente, pelo tipo de clientela trabalhada. Elas foram marcadas de modo a não interferirem na atividade do participante.

Além do instrumento mencionado, utilizaram-se, também, as documentações existentes que narram a sua trajetória, e artigos de jornais, teses, trabalhos acadêmicos e revistas que abordaram este trabalho.

Todas as informações foram gravadas e redigidas para não se perder nenhum ponto que poderia ser esquecido. A entrevista foi feita pelo autor da pesquisa.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa trouxe informações que necessitavam ser organizadas e compreendidas, logo após a coleta para identificar suas dimensões, tendências, padrões e relações desvendando-lhes significados.

Foi uma ação que se iniciou na fase exploratória, seguindo toda a busca em uma relação interligada com dados à medida que se recebia a informação. o pesquisador procurou identificar temas e relações, construindo, interpretando, gerando novas questões, e/ou completando as anteriores, o que, por sua vez, levou-a a buscar novos entendimentos sobre gestão escolar e a influência da mesma sobre a relação professor-aluno nas escolas estaduais de Porto Nacional –TO.

5 DISCUSSÃO

A partir das entrevistas com os professores de diversas escolas de Porto Nacional e também de uma minuciosa leitura da obra “Memórias de um professor” da Professora Benvinda (RIBEIRO, 2007), onde o foco é o ensino no passado com relação ao presente, e a análise das mudanças ocorridas, o que mudou no comportamento do educador e do educando, pontos positivos e negativos nesse longo processo de ensino, em especial na cidade de Porto Nacional- Tocantins.

A História da Educação e o ensino de Porto nacional no século XX, lhe deu um título muito importante para o antigo norte de Goiás “Capital da Cultura”, título este, devido ao grandioso e importante centro de educação e de valorização dos profissionais do saber.

É fato que esse marco histórico, ficou no passado, e essa conclusão é baseada na experiência vivida, em entrevistas com professores que participaram ativamente em sala de aulas e vivenciaram mudanças na educação.

Quando questionados sobre a relação da educação de 10 e 20 anos atrás e hoje, foi unânime o descontentamento com a profissão, principalmente por saberem e presenciarem a deteriorização de um ensino de qualidade, pela desvalorização moral, financeira e principalmente a falta de reconhecimento profissional da sociedade, ressaltando que a educação em Porto Nacional era berço cultural do ensino, do envolvimento e respeito, para com o próximo. Fator esse que ficou num passado de glórias.

Hoje o grande descaso dos governantes que só estão preocupados em receber verbas, enquanto que há 10 ou 20 anos atrás tínhamos educação de qualidade (entr.2).

Que os alunos tinham os professores como rei. Amavam os professores e respeitavam e estudavam mais. (entr 12).

A minha visão de educação de ontem não é diferente de hoje. A educação é um serviço no qual intervém uma multidão de fatores e atores, que de forma não sempre consciente se põe a serviço do educando e, nesse sentido, é uma das mais complexas atividades desenvolvidas pelo homem e mulher possam acompanhar e enfrentar as mudanças impostas pelo mundo com competência, de forma que seja abreviada as desigualdades de toda a sorte (entr. 4).

Além desse passado de glórias, sabe-se também que as mudanças ocorridas tiveram seus pontos positivos, pois até então a interação entre professor e

aluno que era muito restrito, foram tomados outros caminhos, e hoje essa relação é mais fácil, acessível e cômoda.

Segundo o entrevistado Prof. Antonio Luiz Maia, no livro “Memórias de professores portuenses” de Benvinda Barros Ribeiro (2007), “o professor tinha destaque, e hoje nem sempre é reconhecido”. Esse pensamento é presente na visão da maioria dos educadores, que perderam não só a função de destaque dentro da sociedade, mas o respeito por muitos (RIBEIRO, 2007)

Em relação ao que mudou para o educador na sua forma de ensinar, 80 % dos professores responderam que o sistema de avaliação, 12% o incentivo, 8% responderam que a criatividade. (fig. 1).

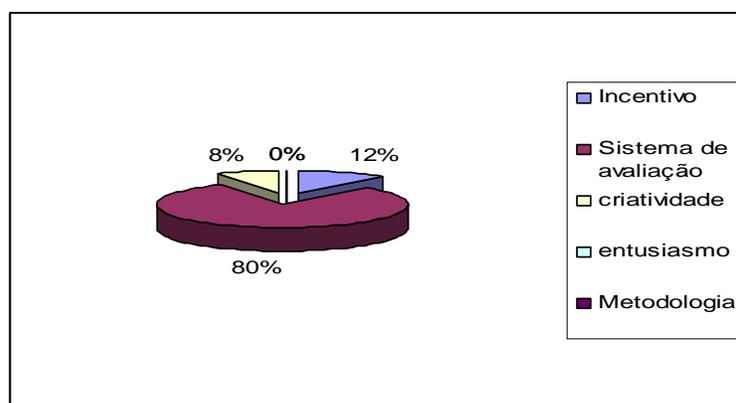


Figura 1 – Mudança na forma de ensinar na visão dos professores entrevistados.

Para muitos, a principal mudança é que o ato de ensinar deve ser interativo e nunca confundido com instrução, ensinar não é adestrar, mas encaminhar o aluno para o pensar consciente. Pior do que não ensinar é ensinar errado. As políticas públicas da educação remetem os alunos a não aprender e o professor a não ensinar com sua nova forma de avaliação.

Sabe-se que o professor não tem apenas o papel do educador que está a serviço da mera transmissão de conteúdos, mas também da visão crítica do conhecimento que está sendo transmitido, essa é, portanto, a condição necessária para que o conhecimento tenha significado e valor educativo para o aluno, sabe-se, no entanto, que na prática nem sempre esse educador consegue se adequar a essa realidade e se frustra. Com seu próprio rendimento, e esse é sem duvida uma fator relevante na má formação do aluno, mas não é o único, pois na maioria das vezes, o aluno não cumpre com seu papel, o que é de se tornar indivíduo ativo e criativo,

com responsabilidades e obrigações, como prestar atenção, participação, buscar conhecimentos, questionar, ter senso crítico entre outros. Requisitos estes necessários para seu conhecimento, no entanto, não é isso que ocorre, alunos se prendem em reclamações e em falta de compromisso. Os excessos de direitos que lhes são dados distorcem os princípios morais da ética de respeito do aluno para com o professor, viabilizando conceitos errôneos de que o saber é medido pela força, resultado disso é “direito demais, dever de menos”, segundo os entrevistados.

O descaso por essa profissão começa pelo governo que não dá a atenção merecida, querem inovação, mais não sabe de fato como e nem o que, muita teoria pouca execução. Mudar conceitos, maneiras, sem levar em consideração os pontos positivos e o que temos de bom, porque o que temos de bom para eles é velho, e a tendência é fazer novo, arriscar, remodelar, sem ter certeza se vai dar certo.

Falar de Porto Nacional é falar do ensino de qualidade que se tinha da educação moral, da cultural, do ponto de referência do antigo norte de Goiás, por seus educadores aqui existentes, engajados, competentes, respeitados e queridos.

Com a construção de Palmas, Porto Nacional foi desestabilizando, estagnando não só a educação, mas o comércio, a população em geral que perdeu muito com a nova capital. Esse estudo veio para mostrar o que de fato mudou na educação em Porto Nacional, seus prós e contras e claro que prevaleceu os contras nessa pesquisa.

Enumerando o que de melhor aconteceu temos:

Positivo	Negativo
<p>- Ainda que se avaliasse o ensino qualitativo, o quantitativo sobressaia.</p> <p>O aluno bom era aqueles que tiravam melhores notas, sem levar em conta as habilidades que os demais desenvolveram.</p> <p>O ensino hoje não só quantifica, ele valoriza o aluno e suas competências num contexto mais amplo.</p> <p>Antes nas escolas não disponibilizava de um ambiente agradável, na maioria das vezes os alunos se acomodavam no chão, não tinham livros.</p>	<p>A relação professor-aluno era de muito respeito. O professor tinha valor, ele podia falar sem medo de ser censurado, sem medo de perder o cargo exercido; diferente de hoje, que um aluno é chamado a atenção ou castigado, os pais acionam os advogados, promotores e os processos por inúmeros absurdos as atitudes do professor.</p> <p>Os alunos acreditam que têm mais direitos e esquecem que tem deveres.</p> <p>Os alunos eram mais interessados, não se estudava por obrigação, mas por prazer.</p>

<p>Os professores não tinham recursos que lhe garantissem o uso de metodologias diferentes, o único método era sua “capacidade e sabedoria”.</p> <p>As bibliotecas eram mal estruturadas. Uma infra-estrutura de baixa qualidade. E hoje esse quadro melhorou e muito.</p>	<p>Os professores de Português sabiam a gramática na ponta da língua, enquanto hoje, a graduação não forma profissionais tão qualificados “neste aspecto”.</p> <p>O uso do computador substituindo os livros.</p>
--	---

A educação conduz ao aprimoramento da cultura popular, que, por sua vez, lhe serve de base de sustentação socioeconômica e política.

A Profª Creuza Ayres da Silva, uma das entrevistadas no livro citado, diz que na sua época de estudante tinha “*professores audaciosos, convictos de que ensinar é levar o aluno a conhecer o que é a gramática, a vida, o léxico*”. Hoje, a educação passou a ser um investimento político, onde todos os políticos dizem que “a educação é a chave essencial para o desenvolvimento”, mas, não com seriedade, respeitabilidade, o ensino vem sendo maquiado.

A Profª Invanilde A Chystal, na entrevista cita que, “*os conteúdos eram específicos, dosados, com dificuldades crescentes apropriadas a cada disciplina e a cada série. O domínio de cada conteúdo era condição indispensável para aprovação do aluno para a série seguinte*”. Hoje, o governo estabeleceu que não pode haver reprovação, ou seja, faz-se de tudo para que coloquemos no mercado, profissionais não capacitados, sem conhecimento, e isso, também, faz com que o amor pela educação, ensino-aprendizagem, seja menor entre os novos educandos.

Ela cita ainda que “*naquela época não existia organização da classe dos professores como hoje existem os sindicatos*”. Os professores procuram mais agora os seus direitos, e esquecem os seus deveres com a educação.

Outro ponto citado pela entrevistada era a relação professor-aluno, que consistia em muito respeito, afinidade, liberdade de conversa, uma condição para esse diálogo era a questão de amizade, confiança, respeito sem tirar a liberdade.

Questionados aos professores se ser professor é um ato de amor, responderam que, em âmbito geral, é uma consciência pública e o dever de cada um.

Por amor se pratica caridade e trabalho voluntário. O professor deve ter a consciência de sua importância social e política para desenvolver sua prática docente com a eficiência que o cargo lhe exige. Ser professor não é um ato de amor,

mas uma atitude séria, comprometida, que deve ser prazerosa para o educador e educando. Chega de ser chamado de tio e tia (entr. 4).

Nem sempre. Muitos enfrentam essa árdua batalha por questão de sobrevivência. (entr.3).

Vê-se que, os professores entrevistados pela Profª Benvinda em seu livro, tinham em seu ímpeto o amor pela profissão. Hoje, a questão da sobrevivência, e a busca pelos direitos dessa profissão, sobrepõem o sentimento ora vislumbrado em suas entrevistas, dos professores de outrora.

Considerando a gestão como um processo de tomada de decisões e gerenciamento de curso, ela assume um papel bastante significativo na relação professor-aluno e no processo pedagógico como um todo.

Muitos vêem a gestão educacional apenas como uma questão de estrutura e organização, ou ainda, como um gerenciamento do curso. Os discentes já relacionam a gestão como um coordenador de curso.

A influência do gestor na relação professor aluno depende da compreensão do conceito de avaliação, dos conceitos e valores da instituição e ainda da subjetividade do gestor.

Percebe-se através da entrevista que a influência da gestão na relação entre professor-aluno observou-se que a gestão interfere através das tomadas de decisões do gestor no processo pedagógico em geral, especificamente, em seu relacionamento com o professor e com o aluno, e na orientação deste nas suas dificuldades e suas vicissitudes. O gestor influencia no relacionamento professor-aluno, na medida em que suas decisões vão estar veiculadas no projeto político pedagógico.

O desempenho do professor na sua prática pedagógica deve ser acompanhado pelo gestor escolar para fazer as intervenções no processo pedagógico, aproximando assim um pouco mais do alunado para conhecer como se dá a relação professor-aluno; O professor é o responsável por manter as condições que permitam a ocorrência da aprendizagem e o gestor escolar é o responsável por assegurar a ocorrência da aprendizagem; O gestor escolar deve promover um espaço de formação continuada pautado na reflexão da prática educativa capaz de assegurar a afetividade do ensino; Para alcançar uma educação integral a relação pedagógica entre professor, aluno e gestor escolar; A gestão escolar pode contribuir e muito para criar um clima favorável para a aprendizagem quando os

professores vêem no gestor escolar o principal colaborador na missão de educar, promovendo assim a valorização e o reconhecimento do trabalho do educador; O professor é o mediador do processo de ensino aprendizagem junto com o gestor escolar.

Para promover uma educação integral o professor precisa ser orientado por uma gestão escolar participativa, democrática voltada para resultados; A gestão escolar precisa estar voltada para a formação continuada dos professores para que possam atender as exigências que a sociedade está fazendo no campo educacional. O sucesso da vida escolar do aluno está intimamente ligado a postura do professor e da gestão escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida hoje na escola, e principalmente, na sala de aula, tem de ser muito mais do que transmissão de um conteúdo sistematizado do saber. A educação nada tem a ver com a imposição, o educador não pode se posicionar com autoritarismo. Ele atua como espectador apaixonado que assiste e estimula. E, com seu olhar externo e acolhedor, ele vê o seu aluno e apenas cria possibilidades de direções que o educando ainda não percebeu.

O professor precisa conhecer entender, perceber os vários métodos de ensino aprendizagem, se esforçando de ir ao encontro dos alunos e tentando compreender o seu processo de conhecimento, na ajuda da articulação de sua experiência na ação, respeitando e valorizando o grau de individualidade dos alunos e as dificuldades apresentadas por cada um.

Podemos dizer que o ato de ensinar não tem uma fórmula pronta e sim o processo gradativo e uma construção que envolve sempre a reflexão na ação e que cada dia em sala de aula é diferente. Portanto, a reflexão é um ato político que contribui para a construção da própria individualidade do aluno e do professor pós-moderno.

Apesar de toda evolução tecnologia, e a pós-modernidade, a educação, ainda é vista de forma cansativa, intolerante e complexa, tornando-se um desafio para o educador, que deve ter consciência do seu papel de produtor e incentivador de conhecimentos e que sua ação pedagógica vai muito além daquela que se realiza no ato de ensinar disciplinas.

A responsabilidade do educador, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande, neste sentido percebe-se que a responsabilidade do educador é muito ampla em sua prática educacional, uma vez que visa a formação pessoal, ética, moral física, política, econômica e social do educando. É por isso que o professor precisa conhecer com clareza as diferentes dimensões que caracterizam sua prática, que não pode negar que o seu papel fundamental é possibilitar de forma positiva que o educando vá sendo o próprio eixo de sua formação, mas com a ajuda necessária do educador.

A organização do processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos e, transformando e convertendo sujeitos, em pessoas

mecanizadas (programadas em instruções), consumidoras e reprodutoras de conhecimento.

Neste sentido, percebe-se que devemos desenvolver a nossa compreensão sobre o sistema tentando modificá-lo e, não nos moldar a ele. Infelizmente ainda, o professor não aceita outra forma de resolução de exercícios, a não ser o dele, não refletindo em suas ações a partir desse modo de atitudes. Pois o mesmo precisa saber e ouvir o seu aluno com humildade, ajudando e aprendendo com os erros.

O educador deve trabalhar em um sistema de coletividade, tentando produzir o tipo de experiência educacional, em que enfatiza a integração e inteiração do conhecimento empírico e científico, tendo busca de uma visão de uma prática interdisciplinar.

Os professores são ajustados principalmente por experiências, a conquistar entendimento na sua realidade e uma habilidade para detectar os resultados do ambiente para o desenvolvimento de suas consciências.

Sabe-se que ser professor tem em mãos uma responsabilidade muito grande, na medida em que estamos lidando com a formação de cidadãos, formação esta, encontrada além do conteúdo programático, pois a função mais importante do professor situa-se no fato de poder criar cidadãos críticos e reflexivos para atuarem na sociedade do futuro.

A formação de professores precisa estar voltada para o sistema escola que se tem hoje, pois os professores devem sair de sua formação preenchendo as exigências que a sociedade está fazendo no campo educacional. Muitos alunos do curso de formação de professores se preocupam com essa questão, exigindo cada vez mais de seus educadores técnicas que deixem-nos capazes de enfrentar com otimismo a vaga no mercado de trabalho.

Na sociedade pós-moderna, esta nova visão social, as transformações estão acontecendo de forma ultra-rápida em todos os setores sociais. A presença das redes eletrônicas no processo de ensino e aprendizagem, este novo ambiente, nos faz pensar que a escola, forçosamente, está exigindo novos profissionais para a educação. O perfil vem se alterando porque a visão de mundo está mudando e os nossos professores estão, hoje, insatisfeitos, descontentes, ansiosos, pela não compreensão das novas necessidades sociais e do processo educacional. Ou seja, a sociedade mudou e a escola precisa mudar e os professores precisam saber que

ser professor, hoje em dia, exige qualidades diferentes daquelas de vinte ou trinta anos atrás.

Não podemos pensar, nos dias atuais, que nossos alunos são menos inteligentes, responsáveis, mais imaturos ou menos preparados do que em outras épocas. O que temos de lembrar é que o paradigma de mundo está se alterando rapidamente e que as tecnologias têm contribuído para isto.

Os professores deverão valorizar mais os alunos, ou seja, ênfase no aluno e não na matéria como estamos fazendo. É importante citar que isto não significa dizer que o professor abandonará seus conteúdos, pois somente aqueles professores que alcançaram um alto grau de conhecimento sobre seus conteúdos é que são capazes de se libertarem dos mesmos, para efetivamente, dar atenção devida para as reais necessidades de seus alunos.

O professor deverá valorizar seu aluno permitindo que o mesmo avance em sua jornada do aprender, onde ele construa e reconstrua, elabore e reelabore seu conhecimento de acordo com sua habilidade e seu ritmo e, neste contexto, o uso das redes poderá ampliar e implementar o processo de ensino e aprendizagem.

O professor através do uso das redes eletrônicas deve equilibrar os currículos e os procedimentos metodológicos com os estilos de aprendizagem dos alunos, encontrando um elo entre o processo cognitivo e emocional, bem como observar os modos de vida dos estudantes, buscando, principalmente nos conceitos de flexibilidade e diversidade, um canal direto com o mundo. Isso nos levará a uma ênfase maior na produção do conhecimento e não apenas na transmissão. O professor, usando as redes, poderá gerar e gerenciar uma grande quantidade de informação e conhecimento, trabalhando na pesquisa e na produção de novos conhecimentos.

Por fim o enfoque do professor estará centrado em ser aberto para aprender a cada momento, e não em ser correto. Ao professor caberá a tarefa de ensinar seus alunos tomar decisões neste mundo marcado pela pluralidade de informações. O certo ou errado numa época de tantas transformações, profundas mudanças, acaba sendo uma questão de visão de mundo, porém, estar, ser aberto para aprender a cada momento da vida, saber ver, analisar, fazer perguntas, poder perceber que o conhecimento, cada vez mais, estará sujeito a transformações, será muito mais significativo neste novo contexto. O professor auxiliará o aluno na coleta da informação (das redes), na análise e na elaboração do conhecimento a partir dela

e a ênfase não estará mais no certo ou errado, mas, em estar aberto para aprender.

Os professores, no uso das redes, têm à sua disposição um ambiente interativo, moderno, desafiador e inovador e podem transformar o processo ensino-aprendizagem numa aventura dinâmica.

O que percebemos no trabalho exposto é que os educadores de Porto Nacional, possuem, ainda, mesmo que não com tanta veemência dos educadores descritos no livro da Professora Benvinda, que ensinar é mais do que uma profissão, mas um mediador e transmissor de conhecimentos, mesmo que considerem o seu ofício como meio de sobrevivência. É necessário que os docentes sejam capazes de retomar o amor pela profissão e pela transmissão dos conhecimentos.

Observamos durante as entrevistas que a relação professor aluno é caracterizada pela assimetria e pela troca de influências entre individualidades distintas, o que permite que se estabeleça um vínculo de dependência entre seus atores.

No que tange a gestão escolar, encontramos uma troca de influências, na qual as tomadas de decisões da gestão vão modificar alguns aspectos dessa relação de forma consciente ou inconsciente. Por outro lado, o comportamento da relação professor aluno vai interferir de alguma forma, nas definições de novas medidas tomadas pela gestão. Predomina no campo da nossa pesquisa uma relação baseada em valores humanistas, aberta, flexível, facilitadora da aprendizagem entre professores e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo, Cortez, 2002.

AQUINO, J.G. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003).

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Ba-Bé-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

----- **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1996.

----- **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GADOTTI Moacir. **Boniteza de um Sonho**. Ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo. GRUBHAS. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GRISI, R.. **Didática mínima**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

GROSSI, Ester et al. (org.) **Construtivismo pós-piagetiano**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HENGEMUHLE, K. Z. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando, **Educação e Sociedade**, Campinas, v.20, n.68, dez. 2004

IANNI, O. **Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro**. São Paulo, Editora Ática, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LUCK M. L. de A. Sujeito, o grupo e a gestão democrática na escola pública. **Revista de Administração Educacional**, Recife, v.1 n.2, p. 125, jan/jun. 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia Da Educação**. São Paulo:ed. Cortez, 1990

MENEZES, V.; SANTOS, H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo; Ática, 2002.

PESSOA, Bárbara. **Formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. São Paulo: Cortez, 1998.

RIBEIRO, Benvinda Barros Dourado, MUTA, Ana Pereira Negry, SILVA, Edwardes Barbosa. Memórias de professores portuenses (1940 a 1980). Porto Nacional: Pote, 2007.

Santos Fernandez Maria Elizabete. Função do Gestor na Escola Publica. Revista de Divulgação técnica – científica do ICPG, Vol.3, n.9-jul-dez/2006.

SEDUC – Secretaria da Educação. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**. Telêmaco Borba, Pr. 2007.

SEE. Secretaria de Estado de Educação. **Reflexões sobre a prática pedagógica**. Belo Horizonte, SEE/MG, 1997.

ZABALA. A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artimed, 1998.

ZAGURY, Tânia. Revista Pátio, Ano 2, Nº 8, FEV/ABR, 1999.